

MÉDICOS E EDUCADORES NA “SECÇÃO DE EDUCAÇÃO PHYSICA E HIGIENE” DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO (1924-1937)

Meily Assbú Linhales
Danielle Monteiro Dias Lima
Liliane Tiburcio de Oliveira

RESUMO

Esta pesquisa investiga a relação construída entre médicos sanitaristas e educadores na conformação pedagógica do campo da Educação Física no Brasil. Em uma perspectiva historiográfica, busca compreender como as diferentes matrizes científicas que orientavam médicos e educadores se colocavam em diálogo para consolidar um projeto de educação e saúde para a população por meio da educação física. A Secção de Educação Physica da ABE constitui-se como lugar da narrativa e o período delimitado, de 1924 a 1937, corresponde ao tempo de existência da Seção. Livros de atas, periódicos e publicações que circulavam na ABE compõe o corpus documental do estudo.

Palavras-chave: educação física; higiene; história da educação

ABSTRACT

This research investigates the relationship between sanitarian doctors and educators in the pedagogical conformation of Physical Education area in Brazil. In a historiography perspective, wants to comprehend how different scientific sources that oriented doctors and educators was in dialogue to consolidate an education and a health project to the population by physical education. The “Secção de Educação Physica” of ABE constituted itself as a narrative place and the period delimited, from 1924 to 1937, correspond to the existence time of the section. Minutes books, periodicals and publications that circulated in ABE composes the documental corpus of the study.

Key words: physical education; hygiene; education history.

RESUMEN

Este estudio investiga la relación que ha sido construída entre médicos higienistas y educadores en la conformación pedagógica del campo de la Educación Física en Brasil. En una perspectiva historiográfica, busca comprender como las distintas matrices científicas que han orientado médicos y educadores se colocaban en diálogo para consolidar un proyecto de educación y salud para la población por medio de la educación física. La “Secção de Educação Physica da ABE” se constituye como lugar de la narrativa y el período delimitado, de 1924 hasta 1937, corresponde al tiempo de existencia de la dicha sección. Libros de actas, periódicos y publicaciones que circulaban en la ABE componen el cuerpo documental del estudio.

Palavras-llave: educación física; higiene; história de la educación

Voltar o nosso olhar investigativo para a produção estabelecida pela *Secção de Educação Phisica e Hygiene (SEPH)* da Associação Brasileira de Educação (ABE), por meio de um contato detalhado com as fontes deste acervo, foi o grande desafio proposto para esse estudo. Exploramos o *corpus* documental relativo à Educação Física e a sua relação com o universo da saúde e da higiene, desenhando um conjunto de questões que buscou compreender como se deu a construção de uma mentalidade médico-pedagógica para a Educação Física, no âmbito da ABE. Como desdobramento, almejamos também compreender como as diferentes matrizes científicas que orientavam médicos e educadores se colocavam em diálogo e em negociação de interesses para consolidar um projeto de educação e saúde para a população por meio da educação escolar.

Trata-se de um desdobramento da tese intitulada “A Escola, o esporte e a energização do caráter: projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935)”, estudo que teve como objeto de investigação as relações estabelecidas entre o esporte e a educação escolar nas práticas discursivas e institucionais produzidas e realizadas pela ABE, nos anos de 1920 e 1930. Na realização da referida pesquisa foram mobilizadas inúmeras fontes documentais de grande valor investigativo para a história da Educação Física brasileira. No acervo da ABE – preservado e organizado na sede da entidade no Rio de Janeiro – muitos documentos permitem anunciar um conjunto de detalhes relativos ao ensino escolar desse componente curricular. Nesse acervo encontra-se um documento manuscrito singular, em formato de caderno. Nele estão registradas 76 atas de reuniões realizadas na ABE pela *Secção de Educação Phisica e Hygiene*. Além das reuniões periódicas, essa Seção era também responsável pela realização de atividades tais como: conferências, cursos preparatórios para professores, inquéritos e diagnósticos temáticos, produção de pareceres e outros documentos.

São proposições construídas a partir de um ponto de vista médico-pedagógico, que, em vários sentidos e intencionalidades, diferem dos propósitos da instituição militar, convencionalmente apresentada pela história oficial como a referência central do ordenamento escolar da Educação Física brasileira, na primeira metade do século XX. Diante desse universo de práticas e dos sujeitos envolvidos na construção da SEPH ordenamos esse estudo, na expectativa de que o mesmo faça circular fontes e informações, de modo a contribuir na ampliação e consolidação da pesquisa histórica relativa à Educação Física e às conexões estabelecidas com o campo médico na produção de sentidos e significados culturais para a educação do corpo e do movimento humano.

Na ABE, circulação de saberes e práticas relativas à Educação Física e Higiene.

Como outras agremiações e grupos na mesma época constituídos, a fundação da ABE, no Rio de Janeiro, no ano de 1924, foi também expressão da efervescência de organizações sociais – do movimento de homens e mulheres interessados em anunciar, propor e prescrever destinos e projetos de desenvolvimento e de modernização para o país. Em estudos de doutorado, Marta Carvalho (1998) e Meily Linhales (2006) investigaram a ABE compreendendo-a como um lugar de sociabilidade, com uma dinâmica relacional própria, na qual vários sujeitos e grupos envidaram esforços de reunião, agregação de interesses e inovação, demarcando identidades e projetos que se reorganizavam continuamente. Um movimento político e cultural intenso que, em várias de suas práticas, traduzia, como afirma Ângela de Castro Gomes “a intensidade e a dificuldade das questões enfrentadas pelo país, em busca de uma modernidade sentida

como necessária e iminente no período do entreguerras” (1999, p.13). Um importante lugar político e cultural na produção de sentidos para a educação escolar brasileira.

A fundação da ABE expressou-se como parte do projeto de “repolitização da educação” no qual uma elite intelectual preocupada com os destinos do País tomou a si a tarefa de desenhar uma alternativa disciplinadora cuja pretensão educativa extrapolava os muros escolares. Unidade nacional e organização racional do trabalho eram temas de consenso, em meio a tantos outros que insurgiam já impregnados de polêmicas e diferenças. O caráter disciplinador se anunciava nos ingredientes de cunho moral colocados em circulação e também nos conteúdos e práticas educacionais modelados por uma pedagogia considerada científica, racional e moderna. Como “tecnologias”, essas prescrições educacionais compunham, cientificamente, o que Marta Carvalho (1998) nomeou como “molde nacional”, “fôrma cívica”. A partir de uma diversidade de fontes mobilizadas e de discursos revelados foi possível conhecer a maneira como educadores, médicos, engenheiros, advogados, etc., reunidos na ABE construíram convicções e justificativas legitimadoras para o propósito de uma “reforma de costumes”, que fosse capaz de operar uma “regeneração social” (CARVALHO, 2003).

Alguns destes “costumes” em circulação na sociedade brasileira eram identificados como amorfismo, insalubridade, vício, incapacidade para o trabalho, acomodação, vadiagem, mínimo esforço, etc. Reformá-los constituía, então, uma “causa cívica” onde a aposta na educação era aposta na “redenção nacional” e na possibilidade de tornar a população saudável, moralmente disciplinada e produtivamente adaptada às exigências que orientavam o trabalho industrial. Um projeto ousado, pensado unilateralmente pelas elites intelectuais para o povo. Principalmente para as massas urbanas, a escola foi idealizada como “arma de que dependia a superação dos entraves que estariam impedindo a marcha para o progresso”. Estes são argumentos centrais nos estudos de Marta Carvalho (1998 e 2003) e tomados aqui como chaves de leitura na compreensão dos sentidos atribuídos à Educação Física e à sua relação com a higiene.

A escola aparece no debate político como lugar a partir do qual a cidade, as relações sociais, o trabalho e o homem completo seriam “produzidos” idealmente. É também anunciada em contraposição aos outros lugares que deveriam ser expurgados: lugares de acomodação, de incompletude, de inutilidade, de insalubridade. A pretendida reforma de costumes não comportava neutralidades, mas sim uma ação política racionalmente construída como “arma” na consolidação de um projeto referenciado na democracia republicana e operado pelo “motor” tecnológico das inovações pedagógicas. Nesses termos, democracia, higiene e inovação eram signos recorrentes e representados a partir de diferentes nuances e ajustes. Essas, entre outras idéias em circulação, aqueciam o debate de uma elite que, a partir de sua rede de sociabilidade, ia se convencendo de que a orientação necessária para o progresso da nação era aquela cuidadosamente desenhada por suas mentes modernas (científicas) e seus corações (cívicos) comprometidos com os destinos do Brasil e dos brasileiros.

Os educadores comprometidos com a ABE pretendiam torná-la conhecida por todo o país e posteriormente organizar um núcleo em cada estado brasileiro: “para isso foi prevista a formação de um Departamento em cada Estado, com plena autonomia e subdividido em seções cujo número, natureza e localização, podem variar de acordo com as necessidades peculiares a cada região do país”.¹

Todavia, as práticas institucionais e discursivas da ABE foram, efetivamente, aquelas propostas e realizadas pelo Departamento do Rio de Janeiro – costumeiramente

¹ BOLETIM DA ABE, ano 1, n 3, jan/1926.

denominado de “Departamento Carioca” – que, na prática, funcionava como uma espécie de poder central. Além do Conselho Diretor e da Diretoria, instâncias de deliberação máxima, estavam também organizados vários grupos internos de trabalho. Denominados de Seções, esses grupos deveriam realizar “os trabalhos essenciais da ABE”.² Inicialmente constituídas em número de onze, as Seções coordenavam trabalhos relativos aos diferentes níveis de escolarização – “Seção de Ensino Primário”, “Seção de Ensino Secundário”, “Seção de Ensino Técnico e Superior” – e também a outros temas educacionais tais como: “Divertimentos Infantis”, “Educação Física e Higiene”, “Cooperação da Família”, “Ensino Doméstico”, a “Radiocultura”, a “Assistência à Infância Abandonada”, “Ensino Profissional” e “Educação Moral e Cívica”.

As primeiras notícias sobre a SEPH aparecem no ano de 1925, no Boletim da ABE, que informou sobre as primeiras Seções organizadas na entidade. A *Secção de Educação Physica e Hygiene* constava entre elas e seu primeiro presidente escolhido foi o médico J. P. Fontenelle. Como o Dr. Fontenelle, outros médicos também presidiram esta Seção entre 1925 e 1935: Faustino Esponzel, Belisário Penna, Gustavo Lessa, Jorge de Moraes e Renato Pacheco. Entre eles, vale ressaltar as participações de Belisário Penna, Gustavo Lessa e a de Renato Pacheco que, além do envolvimento com a Seção, participaram de forma ativa no Conselho Diretor da entidade. Esses médicos educadores coordenaram um projeto de Educação Física e Higiene sintonizado com o projeto educativo geral da ABE e conseguiram agregar um número significativo de associados para os debates da Seção. Para eles, a educação do corpo, em suas múltiplas acepções, era fonte permanente de preocupação.

A SEPH experimentou, ao longo de sua existência, diferentes níveis de envolvimento com as duas temáticas: a educação física e a higiene. Ambas pensadas e produzidas, na ABE, de forma bastante correlacionadas, como duas dimensões complementares no projeto “sanitário” da regeneração social (CARVALHO, 1998). Entretanto, um olhar apurado sobre as práticas em circulação na Seção também nos permitiu identificar, um processo de diferenciação entre os dois campos. A Educação Física buscando demarcar sua relativa autonomia, como prática pedagógica e discursiva, com lugar próprio no campo educacional.

Sujeitos em circulação nas sessões da SEPH

No movimento expresso nas atas da SEPH pode-se notar os fluxos e refluxos de diferentes assuntos e pessoas, os muitos silêncios e alguma fluidez. A predominância dos homens no comando e das mulheres na secretaria dos trabalhos, os diálogos estabelecidos com a Associação Cristã de Moços e com o Exército, os momentos áureos da Seção e os momentos de incerteza. Ajustando o ângulo da objetiva sobre a SEPH vê-se no seu nascedouro a ênfase higiênica e sanitária que abraça a causa da regeneração pela educação (LINHALES, 2006).

Partindo desse conjunto analítico sobre a ABE e a SEPH, nos debruçamos sobre as fontes a fim de entender como os sujeitos ali se organizavam, quais eram seus ideais, as maneiras pelas quais sua formação e inserção na sociedade influenciavam propostas educacionais elaboradas pela SEPH. Conhecer esses freqüentadores e suas trajetórias ajuda a compreender as ações realizadas e as rechaçadas, as consistências e inconsistências nos muitos processos de tomada de decisões. É importante também entender que o exercício realizado não pretendeu buscar sujeitos coerentes e conscientes

² ANAIS da I Conferência Nacional de Educação, Curitiba, 1927, p. 79.

a todo o momento, o indivíduo “permanece particular e fragmentado para romper homogeneidades aparentes e revelar conflitos nas práticas culturais” (LORIGA, 1998, p.249). Assim, buscamos delimitar o perfil dos sujeitos que freqüentavam as reuniões da SEPH e, para isso, ordenamos três grupos, de acordo com o lugar de inserção profissional a que pertenciam: médicos, educadores e militares. Escolhemos abordar de forma geral cada um desses grupos, não priorizando, nesse momento, falar dos sujeitos de maneira isolada.

Ao longo da década de 20 os médicos que freqüentavam a ABE ocuparam diferentes espaços educativos e, assim, trouxeram a discussão da higiene para o campo pedagógico. A SEPH foi um desses lugares ocupados para discutir questões relativas à educação, higiene e saúde. Na I Conferência Nacional de Educação, realizada pela ABE em Curitiba, no ano de 1927, o Dr. Belisário Penna apresentou uma tese intitulada Educação Higiênica, na qual argumentava que o principal intuito era “formar uma consciência sanitária e uma mentalidade coletiva bem equilibrada, visualizando uma educação que dê preferência à educação higiênica e eugênica na escola e no lar”.³ Neste mesmo texto, com características de um relatório de atividades, consta, entre outras informações, o registro de que os médicos ministravam cursos de férias para as professoras primárias, sobre temas por eles considerados essenciais na educação de crianças.

Além dos médicos, os professores também constituíram forte representação entre os membros da SEPH. Possuíam formação acadêmica bastante diferenciada e lecionavam em variadas escolas, institutos e grupos escolares do Distrito Federal. Eram ativos e participativos e, em suas relações com os médicos, recebiam orientações dos mesmos sobre o ensino da higiene nas escolas. Grande parte desses educadores mantinha também forte vínculo com a Associação Cristã de Moços e sua correspondente no sexo feminino, a Associação Cristã Feminina. Alguns professores, até mesmo, obtiveram formação em Educação Física nessa instituição. Dentro da SEPH alguns ocuparam a função de secretário(a) e ministraram cursos e palestras sobre Educação Física, Ginásticas e Jogos. Nesse grupo, diferente do grupo dos médicos, são encontradas muitas mulheres, algumas delas, inclusive, atuando na formação de professoras na Escola Normal do Distrito Federal.

Já os militares começaram a participar da SEPH a partir do ano de 1933, permanecendo por lá até 1937, quando a Seção deixa de existir, durante a presidência do Major Azambuja Brilhante. A presença dos militares na SEPH pode ser interpretada como uma complexa luta de representações entre projetos educativos diferenciados. Os militares, assim como os professores, estiveram presentes em comissões de elaboração de projetos políticos e pedagógicos para a Educação Física brasileira dentro e fora da ABE, sobretudo no Anteprojeto Militar elaborado em 1929 (LINHALES E SILVA, 2008).

Podemos notar que a existência da Seção comportou uma multiplicidade de sujeitos que, embora falassem de diferentes lugares e muitas vezes com contrastantes concepções de educação, possuíam algo em comum: o propósito de consolidar a presença da Educação Física como disciplina escolar, possuidora de um fazer pedagógico próprio e, ao mesmo tempo, sintonizada com as mudanças educacionais em debate no período.

³ ANAIS da I Conferência Nacional de Educação, Curitiba, 1927, p. 27.

Temas em circulação nas sessões da SEPH

No processo de análise documental escolhemos abordar os assuntos de acordo com distintos momentos por nós identificados no tempo de existência da Seção. Assim, foram estabelecidas duas fases: a primeira de 1925 a 1930 e a segunda de 1933 a 1937. Entre elas existe um período que denominamos “tempo de silêncio”, de 1930 a 1933, durante o qual não é possível encontrar registros no livro de Atas da SEPH. Outras fontes, no entanto, nos permite identificar que alguns dos membros da Seção se envolveram com outras demandas da entidade.

Além desse ordenamento temporal, outra estratégia adotada para localizar os dados mais relevantes ao estudo, foi a elaboração de fluxogramas que agrupam fatos, detalhes e episódios, tornando a análise mais refinada. O primeiro fluxograma se destinou a identificar todos os presidentes e secretários expressos em cada ata de reunião. O segundo traz um resumo dos assuntos discutidos em cada uma das 76 sessões e sua minuciosa organização foi essencial para que pudéssemos conhecer os assuntos colocados em pauta e acompanhar o desenvolvimento das discussões.

Partindo destes arranjos documentais, pode-se afirmar que durante a primeira fase, de 1925 a 1930, foram presidentes da SEPH os médicos J. P. Fontenelle, Faustino Esponzel, Belisário Penna, Jorge de Moraes e Gustavo Lessa. Cada um teve seu período específico de presidência, sendo que o Dr. Gustavo Lessa ocupou por mais tempo esse cargo e, conseqüentemente, foi quem presidiu mais sessões. Foram realizadas ao todo 36 sessões, que tiveram por temáticas: o ensino da higiene; a influência dos médicos nos estudos da Educação Física; os jogos como estratégia auxiliar do ensino; a disciplinarização do corpo; o civismo; a educação sexual dos escolares; a construção de espaços públicos destinados à recreação e a elaboração de um parecer sobre um anteprojeto para a Educação Física.

Vale notar que até 1928, a higiene teve papel preponderante. Campanhas instrutivas para higienizar o povo e cursos de aperfeiçoamento em higiene, destinados às professoras primárias, constituíram prioridades. Essas ações eram sempre coordenadas por médicos atuantes tanto na ABE como em outras entidades e redes que priorizavam a educação higiênica e sanitária.⁴ Quanto à educação física, neste mesmo período, a SEPH orientou esforços para organizar um inquérito sobre o seu ensino nas escolas, evidenciando assim que a mesma já estava ali representada como um componente curricular. Os assuntos relacionados ao fazer pedagógico foram, nestes primeiros anos de funcionamento da Seção, assumidos prioritariamente pelos professores Ambrósio Torres e Gabriel Skinner.⁵ Temas relacionados ao ensino e à organização curricular da Educação Física, bem como à formação de seus professores, começavam a ter maior regularidade nas reuniões da Seção, no final da década de 1920. De todo modo, alguns assuntos relativos à higiene também continuavam na agenda: alimentação de escolares, escolas de formação de amas-secas, novas campanhas sanitárias, criação de “cadernos de saúde” nas escolas, engenharia sanitária, entre

4 Veja-se a respeito os trabalhos de Rocha e Soares, especialmente no que analisam sobre os Congressos Brasileiros de Higiene: ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. Educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Higiene de São Paulo (1918-1925). Campinas, Mercado das Letras; São Paulo, Fapesp, 2003 e SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física escolar: uma breve história da constituição de uma pedagogia higiênica. Campinas: UNICAMP, 2005. (no prelo) especialmente no que analisam sobre os Congressos Brasileiros de Higiene.

5 ACTAS DA SECÇÃO DE EDUCAÇÃO PHYSICA E HYGIENE. Especialmente as 17 primeiras reuniões da Seção ocorridas entre maio de 1926 e março de 1929. (Acervo da ABE)

outros.

Neste processo, o adensamento de temáticas, tanto no âmbito da higiene quanto no âmbito da Educação Física, estimulou iniciativas de separação dos assuntos em duas Seções distintas. Em setembro de 1929, Gustavo Lessa apresenta uma proposta de separação da Seção, que, “apoiada por várias assinaturas” foi aprovado pelo Conselho Diretor da ABE.⁶ A Seção de Higiene ficou sob responsabilidade do Dr. Gustavo Lessa e a de Educação Física com o Dr. Jorge de Moraes. Mas, conforme indicam as pistas contidas no Livro de Atas da Seção, os assuntos da Educação Física continuaram sendo tratados nas reuniões presididas por Gustavo Lessa. O Dr. Jorge de Moraes compareceu à 33ª sessão realizada no dia 29 de novembro, foi apresentado aos presentes como ocupante do novo cargo, mas não chegou a presidir nenhuma sessão.

No ano seguinte, 1930, a Seção de Educação Física e Higiene se reuniu apenas três vezes e sob a presidência de Gustavo Lessa. Ficando inativa de setembro de 1930 à junho de 1933, a SEPH teve suas atividades retomadas em circunstâncias especiais. Durante este período a ABE como um todo experimentava decisivas reacomodações de interesses.⁷

Deste momento em diante, a SEPH se envolve com a criação de um Plano Nacional de Educação Física e posteriormente com a organização do VII Congresso Nacional de Educação. Assim sendo, nota-se que a temática da higiene, naquela perspectiva de uma educação sanitária, passa a ficar em segundo plano. As questões relativas a um plano nacional de educação física e desportos passaram a se sobrepor às preocupações com os métodos e programas escolares de ensino da Educação Física. Efeitos de uma politização da educação que acontecia na nação e na própria ABE.

Na segunda fase, de 1933 a 1937, a SEPH foi presidida por um médico e dois oficiais militares: Dr. Renato Pacheco, Capitão Ignácio Rolim e Major Felix de Azambuja Brilhante. Ao todo foram realizadas 39 sessões que foram, em grande parte, dedicadas à discussão de um projeto para a Educação Física Escolar brasileira. Sendo o produto dessas discussões o envio do Anteprojeto Nacional para a Educação Física ao Ministério de Educação e Saúde Pública, em janeiro de 1935. A temática da higiene também foi abordada, mas não com a ênfase dada na primeira fase da Seção. Uma dinâmica organizacional nova foi assumida pela SEPH nesse período: a leitura e aprovação de atas relativas às reuniões anteriores.

Em agosto de 1935, logo após a realização do VII Congresso Nacional de Educação, o Dr. Renato Pacheco solicita a indicação de um substituto para o seu cargo de presidente da SEPH, lembrando a todos os presentes na 66ª reunião da Seção que os “esforços que tem dedicado à Seção não tem sido devidamente apreciados pelos poderes públicos, assim sendo decidiu solicitar a sua demissão do cargo de presidente, a fim de dar maiores possibilidades de êxito à seção”.⁸ Um ano depois, a ordem do dia tinha outra configuração. Uma outra modelagem disciplinar se expressava nos conteúdos em

⁶ ATAS DO CONSELHO DIRETOR. Ata da 127ª Sessão do CD, realizada em 23/09/1929. (Acervo da ABE)

⁷ Nesse período, muitos educadores vinculados à entidade assinaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, divulgado em março de 1932. O Ministério da Educação e Saúde havia sido criado e assumido por Francisco Campos em 1931. Muitas ações propostas pareciam “misturar” ABE e Governo. Sobre esses assuntos veja-se: CARVALHO, op. cit. e XAVIER, Libânia Nacif. Para além do campo educacional: um estudo sobre o manifesto dos pioneiros da educação nova (1932). Bragança Paulista: EDUSE, 2002; entre outros.

⁸ ACTAS DA SECÇÃO DE EDUCAÇÃO PHYSICA E HYGIENE. 66ª sessão, 20 de agosto de 1935. (Acervo da ABE)

pauta, na maneira de abordar os assuntos coletivos e até mesmo na forma de ordenar a ata da reunião. A presidência da SEPH sai das mãos dos médicos e é assumida por membros da corporação militar. A reunião do dia 06 de maio de 1936 foi a última registrada pelo Livro de Atas. Através do exposto podemos perceber que os sujeitos que estão à frente de determinado grupo, por vezes, definem quais temáticas serão abordadas e de que forma isso ocorrerá. Nos últimos anos da 2ª fase da Seção é evidente a fragmentação das discussões e a ausência de debates e posicionamentos políticos.

Assumimos que é demasiadamente complexa a teia que foi tecida em meio a essa trama. E que, na tentativa de compreendê-la, foi preciso quebrar os pressupostos da linearidade e da coerência. A fim de que, ao analisar os fluxos de assuntos não esperássemos que eles tivessem sempre continuidade e regularidade, entendendo que existiram avanços e retrocessos desses debates. O contexto no qual uma história se constrói condiciona as ações dos sujeitos, havendo, portanto, ousados progressos, como também, muitos recuos e omissões.

Educação e Educação Física como medidas sanitárias

Desse conjunto de pessoas e assuntos que circularam na SEPH, elegemos como tema para um maior aprofundamento a relação entre higiene, eugenia e educação. Essa temática despertou nossa atenção pelo fato de seis, dos oito presidentes da Seção, possuírem formação médica e privilegiarem, durante o momento em que presidiram a mesma, questões relativas ao ensino da higiene, principalmente entre os anos de 1925 e 1930.

Higiene, eugenia e educação eram assuntos discutidos em âmbito nacional também por outras organizações político-sociais, como instrumentos que poderiam ser úteis ao projeto de “regeneração social”. Os higienistas tinham a saúde da população como preocupação central, para a qual se fazia necessário tanto a eliminação de moléstias e de defeitos físicos quanto o desenvolvimento de padrões morais desejáveis (MENDES E NÓBREGA, 2008). O higienismo se traduziu em um movimento sanitaria nacional, que contou com a participação de médicos, educadores, engenheiros e políticos. Buscava-se, a partir dos preceitos higiênicos, reformar a cidade, o campo e os costumes dos brasileiros (BERTUCCI, 2007; GONDRA, 2003). Nessa ambiência, alguns textos franceses circularam no país e no conjunto de prescrições faziam apologia a uma educação física para meninos e meninas, sendo que para os primeiros sugeriam uma educação dos músculos e para as segundas a prática da ginástica (GONDRA, 2003).

Se os médicos higienistas se preocupavam com a saúde, aqueles dedicados à causa eugênica se envolveram, principalmente, com o melhoramento da raça brasileira.⁹ Incomodava à elite republicana o fado carregado pelo Brasil, visto pelos países civilizados da Europa, como exemplo de degradação racial, em especial pelos cruzamentos de várias raças. Assim a eugenia, como ciência de aprimoramento racial, parecia dar conta de solucionar esse problema (STEPAN, 2003). Uma das teses bem aceita no país foi a do branqueamento da raça brasileira, que se daria pelo cruzamento de negros, índios e mestiços com elementos da raça branca. A miscigenação passa a ser

⁹ Também a saúde preocupava os eugenistas brasileiros, que como afirma Stepan (2003), tiveram forte identificação com a higiene, sendo a eugenia às vezes interpretada como um novo ramo desta última. Tanto assim foi que podemos identificar pessoas envolvidas com os ambos os assuntos, como é o caso de Belisário Penna.

vista pelos brasileiros não mais como elemento de degeneração, mas sim como um “purificador de raças inferiores” (MOTA, 2003, p.47).

Nesse contexto de reflexões e propostas, a escola, lugar para uma educação integral, seria o meio pelo qual se ensinaria às crianças as letras, o civismo e os preceitos higiênicos. A SEPH da ABE amplia esse debate em 1927, quando Belisário Penna preside a Seção. Este médico, além de estar nesse momento atuando em uma associação educativa, esteve envolvido com questões mais amplas do sanitarismo e da eugenia brasileira. Ainda no começo do século XX participou das viagens ao interior do país, promovidas pelo Instituto Oswaldo Cruz, com o intuito de registrar as condições sanitárias rurais. A partir das impressões dessas expedições científicas escreveu, em 1918, uma de suas obras mais conhecida — “O Saneamento do Brasil” — texto no qual constrói um de seus argumentos de maior circulação: *“sanear o Brasil é povoal-o; é enriquecel-o; é moralisal-o”*. Foi também responsável por uma campanha pelo saneamento do Brasil desenvolvida no jornal Correio da Manhã (THIELEN E SANTOS, 2002).

Esse médico mostrou-se muito envolvido com as questões sanitárias do país, assumindo mais tarde o Departamento de Saneamento e Profilaxia Rural do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP). Também encontramos na literatura indícios de sua participação no movimento eugênico nacional. Em 1918, aderiu à Sociedade Eugênica de São Paulo, criada nesse mesmo ano por seu genro, Dr. Renato Kehl. Juntos deslocam as discussões da eugenia para a capital do país alguns anos depois (STEPAN, 2004). Ao longo das décadas de 1920 e 1930, para além de uma presença ativa na ABE, Belisário Penna se envolveu com as questões da educação, em especial da educação higiênica, por meio de outras práticas. Em 1923, recebe um pedido do Presidente Washington Luís para escrever um texto dirigido às educadoras e, mais tarde, em 1931, assume o Ministério da Educação e Saúde, no governo de Getúlio Vargas.

Outro presidente da Seção que esteve envolvido com a Higiene e com o ensino da mesma foi o Dr. J. P. Fontenelle. Além de ter presidido a SEPH no ano de sua criação, foi Inspetor Sanitário do Departamento Nacional de Saúde Pública e Docente de Higiene na Escola Normal do Distrito Federal. Para ele, a escola era o lugar principal de esclarecimento da população sobre os benefícios da criação de hábitos higiênicos. Defendia a presença do médico e da enfermeira escolar. (PYKOSZ, 2007).

Como o Dr. Belisário Penna, este outro médico-educador também se dedicou à eugenia, especialmente dentro da Liga Brasileira de Higiene Mental, instituição fundada em 1923 e lugar privilegiado para a circulação de teorias relativas à construção de “um plano de defesa da mentalidade da raça” (REIS, 2000. p.136). Ainda dentro da Liga, J.P. Fontenelle escolhe participar de uma seção denominada “Puericultura e Higiene infantil”, o que mais uma vez evidencia seu envolvimento com assuntos afeitos à educação das crianças. Escreveu textos como “Higiene Mental e Educação” de 1925, “Compêndio de Higiene” de 1930 e “A higiene no Brasil” de 1940. O cruzamento de fontes tem nos permitido, inclusive, identificar que estes livros foram tomados como referencia bibliográfica nos cursos de educação física e higiene escolar oferecidos às professoras primárias por meio da ABE e também nos cursos regulares por ele ministrados na Escola Normal do Distrito Federal.¹⁰

O grande envolvimento desses médicos com a higienização dos corpos infantis e a preocupação que ambos tinham em disseminar pelo país hábitos de higiene, convictos

¹⁰ FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. CPDOC. Acervo Anísio Teixeira. Notação 0830-0831

de que essa era uma necessidade do processo de formação de um povo saudável, pode ter sido o grande fator que fez com que a SEPH priorizasse o assunto em sua primeira fase de existência.

Para certas questões da saúde física e para quase todas da higiene mental é preciso cuidar da criança antes do período da escolaridade. Do ponto de vista do desenvolvimento, a criança já é um produto mais ou menos acabado, quando lhe irrompe o molar de seis anos: por isso, nos Estados Unidos, começa seriamente a despertar o movimento em prol de uma ação que se exerça na idade pré-escolar. (FONTENELLE apud REIS, 2000, p.140).

Cabe assim lembrar que esses médicos educadores delegavam à educação física o papel de criar um corpo saudável e disciplinado, capaz de receber e bem acolher todas as instruções higiênicas. Cada vez em uma idade mais antecipada, a criança tornava-se personagem central de uma educação pensada como medida sanitária, dentro das escolas ou fora delas.

A socialização das fontes relativas à SEPH

Além da discussão, análise e interpretação dos eixos acima referidos, este projeto teve também o propósito de dar maior visibilidade às fontes consultadas, entendendo que as mesmas poderão subsidiar outros estudos relativos à história da Educação Física escolar e da Higiene. Assim, o fechamento deste estudo incluiu a produção e socialização de uma memória que, por meio de um trabalho de ordem técnica vem disponibilizar aos pesquisadores interessados: a) gravação por fotografia digital das 76 atas e digitação das mesmas com suas respectivas listas de presença; b) ordenamento documental e digitalização das produções elaboradas pela SEPH sobre temáticas relativas à saúde, à higiene e à educação física escolar; c) produção de um CD-Rom com os resultados da pesquisa e com as respectivas fontes digitalizadas; d) distribuição deste material aos Centros de Memória e aos grupos de pesquisa relacionados à História da Educação e da Educação Física; e) hospedagem virtual do material produzido na página do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer – CEMEF, da EEFETO da UFMG, para consulta pública.

Assim, como parte do projeto, nos propusemos a fazer circular fontes e informações, de modo a contribuir na ampliação e consolidação dos estudos históricos da Educação Física e das conexões estabelecidas com o campo médico na produção de sentidos e significados culturais para a educação do corpo e do movimento humano. O estudo aqui apresentado se insere em um conjunto de ações que hoje constituem o fazer dos pesquisadores envolvidos no Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, tanto no que se refere à produção de conhecimento historiográfico quanto no que tange aos esforços de preservação, ordenação e divulgação documental para estudos futuros.

Compreendemos o fechamento desse projeto como uma pequena pausa. Acreditamos que muitos sujeitos e acontecimentos que compuseram essa trama, por hora, ainda continuam ocultos. Contudo, “as fontes estão aí, disponíveis, abundantes ou parcas, eloqüentes ou silenciosas, muitas ou poucas” (LOPES e GALVÃO, 2001. p. 78), convidando para outras possibilidades investigativas para o contínuo desvelamento dessa história.

Referências

BERTUCCI, Liane Maria. Forjar o povo, construir a nação: ciência médica e saúde pública no Brasil. In: RIBEIRA CARDÓ, E; MENDOZA VARGAS, H; SUNIYER MARTÍN, P. (org.) *La Integración del Territorio en una idea de Estado: México y Brasil, 1821-1946*. Ciudad de México: IG/UNAM; Instituto Mora, 2007.

CARVALHO, Marta Maria Chagas. *Molde Nacional e Fôrma Cívica: Higiene, Moral e Trabalho no Projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1998.

CARVALHO, Marta Chagas de. *A escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003

GOMES, Ângela de Castro. *Essa gente do Rio...Modernismo e Nacionalismo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GOMES, Angela de Castro. *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000. (conferir qual foi citado no primeiro na nota 5 do texto de aracaju)

GONDRA, José Gonçalves. *Homo Hygienicus: Educação, Higiene e a Reinvenção do Homem*. Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 59, p. 25-38, abril 2003.

LINHALES, Meily Assbú. *A escola, o esporte e a energização do caráter: Projetos culturais em circulação na Associação Brasileira de Educação (1925-1935)*. Tese (Doutorado em História da Educação). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte 2006.

LINHALES, M. A. ; SILVA, P. G. . O inquérito sobre o problema da "Educação Physica" no Brasil: circulação de idéias e modelos educacionais na Associação Brasileira de Educação (1929). In: V Congresso Brasileiro de História da Educação, 2008, Sergipe. *Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação*. Sergipe : Universidade Federal de Sergipe; Universidade Tiradentes, 2008.

LOPES, Eliane Marta T. GALVÃO, Ana Maria. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. (org.) *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MENDES, M.I.B.S.; NÓBREGA, T.P. O Brazil-Médico e as contribuições do pensamento médico-higienista para as bases científicas da educação física brasileira. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, v. 15, n. 1, p. 209-219. Rio de Janeiro: jan.-mar. 2008.

MOTA, André. *Quem é bom já nasce feito: sanitarismo e eugenia no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo, EPU; Rio de Janeiro, Fundação Nacional de Material Escolar, 1974, 1976 reimpressão.

PYKOSZ, Lausane Corrêa. *A higiene nos grupos escolares curitibanos: fragmentos da história de uma disciplina escolar (1917-1932)*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Paraná, Curitiba 2007

STEPAN, Nancy Leys. Eugenia no Brasil, 1917-140. IN: HOCHMAN, G; ARMUS, D. *Cuidar, Controlar, Curar*. Ensaio sobre saúde e doença na América Latina e Caribe. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004, 568p

REIS, José Roberto Franco. “De pequenino é que se torce o pepino”: a infância nos programas eugênicos da Liga Brasileira de Higiene Mental. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, vol 07, n 01. p. 135-157. Rio de Janeiro, mar/jun 2000.

THIELEN, E. V. SANTOS, R. A. Belisário Penna: notas fotos biográficas. *História, Ciência, Saúde – Manguinhos*, vol. 9: 387 – 404. Rio de Janeiro, maio/ago 2002.

Fontes consultadas

Acervo da ABE:

- Boletim da ABE.
- Revista Schola
- Anais da I Conferência Nacional de Educação, Curitiba, 1927
- Livro de Atas da Seção de Educação Física e higiene
- Livro de Atas do Conselho Diretor

Acervo do CPDOC:

- Fundo Anísio Teixeira. Notação 0830-0831

Profa. Dra. Meily Assbú Linhales - EEEFTO/UFMG

Coordenadora do projeto de pesquisa intitulado “A Secção de Educação Physica e Hygiene da Associação Brasileira de Educação e a construção de uma mentalidade médico-pedagógica para a Educação Física (1926-1937)”, financiado pela PRPq/UFMG, no período de março/2008 à setembro/2009.

Profa. Cássia Danielle Monteiro Dias Lima - EEEFTO/UFMG

Pesquisadora em Iniciação Científica que desenvolveu junto ao projeto de pesquisa o estudo temático intitulado “A Secção de Educação Physica e Hygiene da Associação Brasileira de Educação: sujeitos em circulação e assuntos abordados (1926-1937)”

Profa. Liliane Tiburcio de Oliveira - EEEFTO/UFMG
Pesquisadora em Iniciação Científica que desenvolveu junto ao projeto de pesquisa o estudo temático intitulado “J. P. Fontenelle e Belisário Penna: médicos no processo de legitimação da Educação Física na Associação Brasileira de Educação”

E-mail: meily_linhales@yahoo.com.br / cassia.danielle@yahoo.com.br

Recursos necessários: data-show